



DEPOIS

DO

FUTURO

FRANCO BERARDI

FUTURO
FRANCO BERARDI

POIS

TURO

CO BERARDI

POIS

TURO

CO BERARDI

DEPOIS
DO

FUTURO
FRANCO BERARDI

DEPOIS
DO

FUTURO
FRANCO BERARDI

POIS

DEPOIS

DO

FUTURO

FRANCO BERARDI

DEPOIS

DO

FUTURO

FRANCO BERARDI

DEPOIS

DO

FUTURO

FRANCO BERARDI

DEPOIS
DO

FUTURO
FRANCO BERARDI

DEPOIS

DO

DE

DO

FU

FRAN

DE

DO

FU

FRAN

DE

DO

FU

FRAN

DE

DO

**DEPOIS
DO
FUTURO**
FRANCO BERARDI

**TRADUÇÃO
REGINA SILVA**

Prefácio à edição brasileira

Introdução: a infinitude do futuro

1. O século que acreditou no futuro

2. Quando o futuro acabou

3. A última utopia

4. Futuro precário

Manifesto pós-futurista

Posfácio: futurabilidade

Sobre o autor

PREFÁCIO

DEPOIS DO FUTURO: DEZ ANOS DEPOIS

Este livro foi publicado originalmente em 2009, no aniversário de cem anos do Manifesto Futurista, e minha intenção era comparar o *Zeitgeist* depressivo deste novo século ao espírito futurista que permeou profundamente a cultura do século XX, marcado pela crença no futuro. De fato, até pelo menos 1968, o futuro era imaginado de forma eufórica. Apesar das tragédias, das guerras e dos inúmeros massacres, o sentimento que imperava no *Novecento* era de fé na realização final da razão. Tomando muitas formas – justiça social, afirmação nacional, democracia liberal, perfeição tecnológica –, o horizonte parecia brilhante, mesmo que o caminho até o futuro fosse pavimentado com sofrimento, miséria, dificuldades e luto inimagináveis.

Pode-se argumentar que a vida melhorou em muitos sentidos na segunda metade do século passado: menos pessoas sofrem com a fome, a expectativa média de vida aumentou, e a tecnologia abriu um horizonte de possibilidades que a imaginação futurista jamais chegou a conceber.

Entretanto, algo se quebrou na esfera psicossocial. O sentimento que prevalece é de melancolia: a antiga metáfora do Iluminismo foi subitamente virada do avesso. A expectativa moderna de expansão constante das luzes foi substituída por outra, um tanto quanto oposta.

“Iluminismo obscuro” é a expressão que melhor sintetiza a

percepção atual do futuro como algo que ameaça o programa humanista.

Há dez anos aponteí essa tendência, e a década que passou desde a primeira edição deste livro só a confirmou: o futuro já não é mais percebido (tal qual no século passado) como fonte de esperança, como promessa de expansão e de crescimento. É um futuro amedrontador ao invés de promissor que aguarda essa geração, precarizada e altamente conectada – a primeira a ter aprendido mais palavras de uma máquina do que de uma mãe.

No ano de 1977, quando a banda punk anarquista Sex Pistols disse pela primeira vez “não há futuro”, a frase foi recebida como provocação paradoxal. No novo século, no entanto, as mesmas palavras se tornaram quase senso comum.

Depois da crise financeira de 2008 e das impotentes revoltas em resposta a ela, um sentimento generalizado de humilhação tomou conta da esfera psicossocial. Depois disso, em todos os cantos do mundo emergiram movimentos neorreacionários. Hoje, no despertar da irreversível decadência da democracia liberal, o pensamento crítico tem a tarefa de decifrar o destino da civilização.

Seria a legitimação eleitoral de forças da extrema direita o prenúncio de um triunfo final da brutalidade fascista? Minha resposta a essa pergunta é sim e não.

A propagação do racismo, do nacionalismo e da agressividade é inegável. Ao mesmo tempo, não penso que o fascismo esteja de volta.

O fascismo foi, de fato, a demonstração agressiva da potência de uma população jovem que se sentiu marginalizada pela burguesia cosmopolita. Mas os aspectos da agressividade contemporânea delineiam um escape psíquico totalmente diferente disso. A onda reacionária se parece com a expressão de um desespero senescente, uma vingança furiosa mas impotente não só contra a razão financeira que provocou um empobrecimento social, mas também contra a humilhação

política e sexual que esse declínio trouxe à tona.

No século passado, o fascismo foi, essencialmente, um ataque violento de jovens excluídos do poder econômico e político. Desde a época do Manifesto Futurista, a potência sexual e a agressividade política estavam conectadas na imaginação fascista. Agora não mais. Hoje, a decadente raça branca do mundo ocidental está mergulhada em uma espécie de desordem mental baseada na impotência e no autodesprezo.

Além disso, o fascismo foi expressão de pertencimento: a mitologia envolvendo sangue e nação era baseada em um verdadeiro senso de comunidade. Agora não mais. Hoje, pessoas brancas votam em partidos nacionalistas não porque acreditam pertencer a uma comunidade, mas porque gostariam de resgatar esse sentimento do passado. Elas cresceram na era do individualismo desenfreado, confiaram nas promessas do egoísmo neoliberal e se descobriram perdedoras. Confiaram nas promessas neoliberais de sucesso individual e terminaram desiludidas. Agora é tarde demais para abraçar uma nova esperança, uma nova imaginação: a única coisa que conseguem fazer é compartilhar seu ódio e seu desejo de vingança.

Expectativas frustradas, somadas ao individualismo frustrado, não levaram ao ressurgimento da solidariedade, mas só a uma ânsia desesperada e ao desejo enfurecido de aniquilação. Niilismo é o nome da cultura emergente.

Como não há alternativa à racionalidade algorítmica do mundo das finanças, o desejo de aniquilar essa racionalidade tomou a dianteira. Porque a ferocidade matemática da economia penetrou a linguagem e invadiu todos os aspectos da vida social, queremos destruir tudo, incluindo as condições necessárias à nossa própria sobrevivência.

F.B., janeiro de 2019

INTRODUÇÃO

**A INFINITUDE
DO FUTURO**

Não tenho a intenção de defender nenhuma tese nem de formular previsões ou teorias. Gostaria de contar as peripécias do futuro durante os cem anos que nos separam da publicação do primeiro manifesto do futurismo italiano, em fevereiro de 1909. Ou seja, contar como a percepção do futuro evoluiu ao longo do século XX. Como imaginávamos o futuro durante o século XX? Como ele nos foi apresentado por artistas, poetas e pensadores? E como imaginamos o futuro hoje, cem anos após a publicação do primeiro Manifesto Futurista?

Agora, podemos ver espaços distantes, mas o tempo distante ninguém mais vê. A certa altura, alguém anunciou que o futuro havia acabado, mas as coisas não são bem assim, porque o futuro nunca acaba. Simplesmente não somos mais capazes de imaginá-lo.

O século XX foi movido pela energia utópica proveniente das vanguardas culturais, artísticas e políticas. Essa energia se esgotou? Por quê? Tudo parece ter sido virado pelo avesso, talvez pelo excesso de velocidade, e no futuro vemos as sombras de um passado que acreditávamos estar enterrado.

Este livro surgiu a partir de conversas com meu amigo Marco Magagnoli, psiconauta e vidente, em 2008, ano em que a crise financeira e geopolítica ocidental abria um abismo, revelando um buraco negro no tempo vindouro. Da implosão do futuro nascerão os movimentos imaginários e sociais do século XXI. “Não vamos pagar pela crise de vocês”, grita o movimento estudantil italiano, que estourou em outubro daquele ano. Como não pagar por aquele vazio abissal que o capitalismo produziu na tela do tempo?

Como saltar sobre esse abismo?

1. O SÉCULO QUE ACREDITOU NO FUTURO

A MÁQUINA EXTERNA DO FUTURISMO ITALIANO

Em 20 de fevereiro de 1909, Filippo Tommaso Marinetti publicou no jornal parisiense *Le Figaro* o primeiro Manifesto Futurista. Podemos considerar esse texto a primeira declaração consciente de um movimento que, nas décadas seguintes, se espalharia pela Europa com o nome de vanguarda. Podemos considerá-lo também, em certo sentido, o primeiro ato consciente do século que acreditou no futuro. O século XX, linha de chegada e realização das promessas da modernidade, começa realmente quando os futuristas bradam com arrogância o advento do reino da máquina, da velocidade e da guerra.

A vanguarda construiu uma imagem ambígua de si mesma e viveu sua condição fértil de ambiguidade. De um lado, apresentou-se como utopia e como gesto radical e ambicioso; do outro, revelou uma capacidade para representar a realidade a ponto de chegarmos a considerá-la a alma do mundo industrial que se projetava em sua fase de urbanização acelerada.

A aglomeração urbana ainda era um fenômeno marginal no planeta na primeira metade do século XX. Apenas um pequeno percentual da população vivia nas grandes cidades. No final desse século, mais da metade da população mundial se encontrava em ambientes metropolitanos. A vanguarda nasceu, antes de mais nada, da excitação produzida por esse processo de deslocamento, de desterritorialização gigantesca. Por meio de uma ação voltada para o gosto e para as técnicas, a vanguarda exerceu uma influência direta e muito profunda sobre o processo produtivo, sobre a projeção industrial e sobre a criação do ambiente urbano.

A desterritorialização do século XX transmitiu uma energia nova ao pensamento, ao gosto e ao trabalho artístico. A vanguarda é o lugar de elaboração dessa energia, dessa excitação. E devolveu à vida social essa energia de uma forma elaborada.

Entre os muitos movimentos que, com nomes e estilos diferentes, povoaram o mundo diversificado das vanguardas do século XX, o futurismo é o que expressou sua utopia com maior violência e extremismo. E hoje, um século depois, podemos afirmar que tanto o futurismo italiano quanto o russo foram o laboratório mais diretamente envolvido na prática da inovação formal, linguística, midiática e política.

No mesmo ano em que Marinetti publicava o Manifesto Futurista, Henry Ford introduzia em sua fábrica de Detroit a primeira linha de montagem. O que é uma linha de montagem? É uma tecnologia concebida pelo engenheiro Charles Taylor com a finalidade de possibilitar o trabalho coordenado e sincronizado de um número considerável de operários. Concretamente, a linha de montagem é uma esteira móvel sobre a qual é colocada a peça que está sendo construída. Ao longo dessa esteira, os operários executam em sequência as operações nas quais o processo de trabalho foi fragmentado. A intervenção dos operadores humanos é recomposta pela máquina que unifica seus movimentos sucessivos até possibilitar a produção do objeto: o automóvel, por exemplo, que constitui a grande inovação da indústria mecânica do novo século.

O Manifesto Futurista é um hino à modernidade explosiva cujos efeitos – ainda muito pouco perceptíveis na realidade italiana – estendem-se ostensivamente pelo mundo urbanizado e industrializado euro-americano. Os objetos que ele enfatiza e que transforma em valores estéticos e políticos são a máquina, a velocidade, a violência e a guerra.

Não é por acaso que o futurismo explode justamente nestes dois países, Itália e Rússia, que estão à margem do mundo europeu industrializado e dois países nos quais a indústria chegou com atraso e era pouco desenvolvida no início do século. Dois países nos quais as tradições culturais e políticas, o respeito e a adoração pelo passado predominavam em relação ao modernismo. Tanto na Itália quanto na Rússia, o futurismo

nasceu como reação e como desejo de inovação, mas não devemos ver esse movimento apenas como reação ao subdesenvolvimento. Ao contrário, é preciso vê-lo como ativador de uma energia estética que se propaga em seguida, por mil canais de experimentação estética, em todo o movimento de vanguarda, que, nas primeiras décadas do século XX, anima a cultura do continente europeu. Devemos vê-lo como a alma estética de uma fé no futuro que permeia profundamente o espírito do capitalismo moderno.

A máquina está no centro do mundo imaginário futurista. Trata-se da Máquina Externa, a máquina pesada, ferruginosa e volumosa, que não deve ser confundida com a máquina internalizada e reprogramável da época bioinformática, a nossa época, a nova época que se inicia após o final do século que acreditou no futuro e se mostra em toda a sua potência imaginária e prática com a concretização do Projeto Genoma e com a progressiva transformação do sistema produtivo global pela rede que conectou seres humanos e automatismos mecânicos. Vivemos hoje, no século XXI, rodeados e penetrados por máquinas internas, máquinas infobiotécnicas, cujo funcionamento e cujos efeitos sobre a evolução cultural da espécie humana não somos ainda capazes de avaliar plenamente.

O que significa máquina? Máquina é o que se concatena. Máquina é a concatenação de entidades (metais, líquidos, conceitos, formas) que funcionam de acordo com uma determinada finalidade.

A máquina que o futurismo exalta é um objeto externo em relação ao corpo e à mente humana: a máquina visível no espaço urbano e no espaço da fábrica e da rua.

Deus veemente de uma raça de aço
Automóvel embriagado de espaço
Que escoiceia e freme de angústia
Roendo o freio com dentes estrídulos

Esparioso monstro japonês,
De olhos de forja,
Nutrido de chama e óleos minerais
ávido de horizontes, de presas siderais
Solto seu coração que faz um baque diabólico,
solto seus pneus gigantesos
para a dança que você sabe dançar
pelas estradas brancas de todo o mundo!¹

Hoje devemos repensar a questão da máquina em termos totalmente novos. Hoje, a máquina está em nós. Aquela que hoje absorve o trabalho e produz mercadorias é não mais a Máquina Externa, mas a infomáquina que se entrelaça com o sistema nervoso social, a biomáquina que interage com a genética do organismo humano. A máquina interiorizada, a nanomáquina capaz de produzir mutações no agente humano.

Na época moderna, a máquina era máquina externa que agia fora do corpo e da mente. A máquina de hoje é outra coisa. Hoje temos que falar da máquina interiorizada, máquina biopolítica: a máquina psicofarmacológica, a máquina que age no interior do corpo graças a potências de tipo químico, biotécnico. E, ainda mais, a máquina semiótica, a rede como concatenação que torna possível uma deslocalização dos processos produtivos. A máquina bioinformática. Para realizar deslocamentos progressivos e de formas diferenciadas, a máquina deixou de ser a máquina adorada pelo futurismo para se tornar uma máquina essencialmente internalizada: a máquina de controle.

Passamos, assim, de um regime disciplinar a um regime de controle. No primeiro caso, a máquina se constituiu diante do corpo e da mente humana, era externa em relação ao corpo que permanecia corpo pré-técnico. Por isso, o corpo-mente devia ser regulado normativa, legal e institucionalmente, para, em seguida, ser submetido ao ritmo das máquinas concatenadas.

No segundo caso, o que se nos apresenta hoje, a máquina não

está mais diante, e sim dentro do corpo, dentro da mente, e os corpos não podem se relacionar nem a mente se expressar sem o suporte técnico da máquina biopolítica. Por isso, não é mais necessário o trabalho de disciplinamento político, legislativo, violento e repressivo. O controle se dá inteiramente a partir da própria máquina interna.

A máquina se torna cada vez menor, torna-se dispositivo miniaturizado, nanotecnologia. É constituída por corpúsculos bioquímicos capazes de modificar o estado do organismo e do humor. A máquina se faz signo, relação, linguagem que modela seus falantes. Abole o espaço, torna obsoleto o automóvel porque o espaço é suprimido em uma temporalidade instantânea e deslocalizada.

Não somente a máquina, mas sua concepção também sofre uma mutação nessa passagem. Marinetti concebe a máquina segundo o modo moderno, como exterioridade, enquanto, na época digital, a máquina é diferença de informação, não exterioridade, mas sim modelação linguística, automatismo lógico e cognitivo.

ACELERAÇÃO

O Manifesto exalta, sobretudo, a velocidade, como novo valor estético destinado a enriquecer a magnificência do mundo. O mito da velocidade sustenta todo o edifício da modernidade, não apenas aquele imaginário, mas também o produtivo, o econômico e o militar.

Velocidade e aceleração desempenham um papel fundamental na história do capitalismo. O capitalismo é o sistema da expansão econômica constante. Mas não se pode falar em expansão sem falar em aceleração do tempo de trabalho, em intensificação do gesto produtivo do operário. A principal noção da economia moderna é a produtividade, que significa a

quantidade de produto por unidade de tempo. A produtividade tem que ser constantemente incrementada se se almeja a continuidade da expansão econômica. O incremento da produtividade se dá em função da aceleração do gesto produtivo, ou seja, do aumento da velocidade.

A distinção entre mais-valia absoluta e mais-valia relativa permite a Marx colocar a questão da velocidade como central na formação do capital.

A mais-valia absoluta é a qualidade de valor que o trabalhador deposita no capital em termos absolutos, independentemente da quantidade de tempo que é necessário para produzi-lo. A mais-valia relativa, por sua vez, é o aumento do valor depositado no capital por unidade de tempo. Há várias maneiras de aumentar a mais-valia absoluta: pode-se aumentar a jornada de trabalho ou contratar novos operários. Mas, para aumentar a mais-valia por unidade de tempo, há apenas uma forma, qual seja, intensificar a produtividade, aumentar a quantidade de valor que o trabalhador produz por unidade de tempo. Acelerar.

Do ponto de vista da expansão do capital, a técnica é essencialmente instrumento de aceleração do ato produtivo, instrumento de intensificação da produtividade. Para aqueles que investem seu capital com o objetivo de aumentar o valor, é para isso que servem as máquinas.

Um século após a publicação do Manifesto Futurista, a velocidade transferiu-se do âmbito das máquinas externas ao da informação. Isso quer dizer que a velocidade foi internalizada. Transformou-se em automatismo psicocognitivo.

Graças à velocidade da Máquina Externa, no século XX deu-se a colonização do espaço planetário. Os meios de transporte permitiram chegar a cada centímetro do planeta, que pôde, assim, ser conhecido, marcado, esquadrihado, submetido ao controle e à exploração. As máquinas permitiram percorrer toda a superfície do planeta, deslocar-se rapidamente, penetrar nas vísceras da Terra, sugar os recursos que estavam escondidos sob

a crosta terrestre, ocupar cada espaço visível com produtos replicados mecanicamente.

Enquanto a Máquina Externa podia projetar-se em direção a novos territórios a serem explorados, existia um futuro a ser conquistado, porque o futuro não é apenas uma dimensão do tempo, mas também uma dimensão do espaço. Futuro são os espaços que não conhecemos ainda e que precisamos descobrir, explorar.

Quando cada milímetro do espaço terrestre havia sido colonizado, iniciou-se a colonização da dimensão temporal, ou seja, do vivido, da mente, da percepção. Começou, então, o século sem futuro. Abre-se aqui a questão da relação entre expansão ilimitada do ciberespaço e limites do cibertempo. O cibertempo é o tempo mental, a atenção que a sociedade é capaz de manter.

O ciberespaço, ponto de intersecção virtual das projeções geradas por inúmeros emissores, é ilimitado e se expande continuamente. O cibertempo, ou seja, a capacidade de elaboração mental no tempo, não é de forma alguma ilimitado. Seus limites são aqueles da mente humana, e são limites orgânicos, emocionais, culturais.

No ponto do cruzamento e de tensão entre a expansão do ciberespaço e os limites do cibertempo estão em jogo a sensibilidade, a empatia e a própria ética. A sensibilidade é a faculdade que possibilita a compreensão empática. É a capacidade de compreender o que não pode ser dito em palavras, de compreender intuitivamente o *continuum* da vida que não pode ser traduzido em simples signos. A sensibilidade é a capacidade de interpretar signos não verbais, graças à capacidade de interpretação que provém do fluxo empático. Essa capacidade, que permitia à raça humana compreender mensagens ambíguas no contexto da relação, está certamente arrefecendo e, talvez, desaparecendo. Submetida à aceleração infinita do infoestímulo, a mente reage na forma de pânico ou de dessensibilização. Parece

que está se constituindo uma geração de humanos cuja competência sensorial é reduzida. A habilidade de compreender empaticamente o outro, de interpretar sinais que não tenham sido codificados segundo um código de tipo binário, torna-se cada vez mais rara, cada vez mais frágil e incerta. Mas disso vamos falar mais adiante.

O FUTURO DOS MODERNOS

Quando, em 1977, ano de uma mudança radical, um grupo de músicos ingleses gritou “*No future*”, parecia um paradoxo a que não se deveria dar muita importância. Na realidade, tratava-se de um anúncio muito sério. A percepção do futuro começava a mudar.

Porque o futuro não é uma dimensão natural da mente humana, é uma modalidade de percepção e de imaginação, de espera e de avanço. E essa modalidade se forma e se transforma no curso da história.

O futurismo é o movimento cultural que encarnou e defendeu fortemente o futuro da plena modernidade. Esse movimento cultural e artístico anunciou o século XX – aquilo que há de mais essencial no século XX – porque o século XX concretizou a época que acreditou no futuro.

Essa época acabou, não há dúvida. Nós, os tardomodernos, não acreditamos no futuro da mesma maneira que os modernos.

A palavra “acreditar” tem vários significados. Dois, especialmente, aqui me interessam. Acreditar significa “atribuir existência” (como quando dizemos “acredito em Deus”). Mas acreditar significa também atribuir credibilidade, “ter confiança”, como quando dizemos “acredito no que você me disse”. Em inglês, diríamos “*to believe*” no primeiro caso e “*to trust*” no segundo. “*We believe in the existence of God*” ou, então, “*in God we trust*”. A modernidade não se limita a acreditar na

existência do futuro, na continuidade de um tempo que segue ao tempo presente. Os modernos acreditam que o futuro seja confiável, espera-se do futuro a realização das promessas do presente.

Não podemos dizer que os pós-modernos não acreditam mais na existência do futuro. Sabemos muito bem que amanhã de manhã vamos acordar de novo. Mas tendemos a não acreditar que o futuro estará à altura das expectativas deixadas para nós como herança pela época moderna. Não colocamos em dúvida a existência física do futuro, mas questionamos algo que era óbvio nos séculos XIX e XX, ou seja, que futuro e progresso são equivalentes.

A modernidade forma com a projeção progressiva do futuro uma unidade indivisível. Modernos são aqueles que vivem o tempo como esfera do progresso rumo à perfeição ou, pelo menos, a uma condição cada vez melhor, mais feliz, mais rica, mais plena, mais justa.

A partir de certo momento – e, se me permitem, identifico o ano de 1977 como esse divisor de águas –, a humanidade começou a duvidar que futuro e progresso são equivalentes.

A modernidade nasceu a partir da derrubada da visão teológica do presente e do futuro como tempos de Queda. No âmbito teológico, o presente representa uma queda, um distanciamento de Deus. Apenas quando, a partir do humanismo, o tempo histórico se tornou acumulação de saber e de potência, o futuro apareceu como progresso, como aperfeiçoamento do conhecimento da esfera técnica e da potência humana.

O historicismo hegel-marxiano, que forma profundamente o espírito histórico da modernidade do século XIX, afina essa visão do futuro afirmando uma ideia segundo a qual a história é um conflito destinado a se resolver com a manifestação da Razão, com o domínio final da Razão sobre o mundo, com a afirmação final da identidade entre Razão e Realidade.

O comunismo era a tradução ideológica militante e quase religiosa dessa percepção do futuro como realização da Razão. Graças ao horizonte ideológico do comunismo, no século XX, a confiança na realização progressiva da Razão tornou-se prática consciente de milhões de homens.

Não se deve subestimar o fato de que, no século XX, os veículos de comunicação e a escolarização em massa, bem como o papel educativo e emancipatório do movimento operário, fizeram com que a relação entre consciência e história se tornasse um fenômeno amplo e difuso, que envolveu milhões de homens e de mulheres. A consciência histórica não era mais apanágio de um pequeno grupo de intelectuais, mas fenômeno majoritário, patrimônio de grandes massas. O ano de 1968 pode ser considerado o momento em que as forças sociais do conhecimento reivindicam a potência política e reivindicam para si o timão do mundo.

No ano em que a escolarização de massa atinge seu ápice, o conhecimento se torna força diretamente política. O ano de 1968 era, pensava ou acreditava ser o cumprimento, o ponto de chegada da promessa moderna, aquela promessa de uma identidade entre Razão e História que está no centro do pensamento moderno.

Segundo os manifestantes de 1968, estava se realizando a utopia moderna. Mas justamente por se realizar aquela utopia, pela integração da Razão (transformada em saber social, informação, técnica) e da realidade econômica do capital, a história se transformou em processo gerador dominado por um código.

Mas 1968 não soube decidir-se entre uma versão dogmática da ironia, que culminou muitas vezes no terror, e uma versão irônica, que soubesse transformar-se em projeto. Em nome da sociedade ideal, constituíram-se, no século XX, estados autoritários e justificou-se o exercício do terror. Os espíritos dogmáticos acreditam que a utopia seja linguagem instituidora e

que a imaginação deva ser fundadora da realidade. Mas a imaginação não funda nada, só pode revelar horizontes de possibilidades.

Quando o projeto conhece a sua imperfeição, a utopia se faz irônica. A ironia é a suspensão do sentido de um enunciado, suspensão da relação entre significante e significado. Irônico é quem compreende que as palavras se concatenam em um plano que não é coextensivo ao plano do real. A ironia aponta para uma desconexão da relação entre significante e significado, um excesso de sentido, um outro sentido possível, ou talvez uma infinidade de outros sentidos possíveis.

O AUTOMÓVEL

Marinetti escreveu que o automóvel é mais bonito que a *Vitória de Samotrácia*. Por que não acreditar nele? Quem pode dizer o que é belo e o que é mais belo que o belo? Certamente o automóvel teve no século XX um apelo estético superior a qualquer obra de arte do passado. Conta-se que Marinetti sofreu um acidente de carro antes de escrever o Manifesto. Não haveria também, naquela ênfase estetizante, uma tentativa de exorcismo contra o medo?

Tendo criado carros enormes, bufantes, velozes e muito mais potentes que os monstros míticos da Antiguidade, os homens parecem tomados por um terror sagrado e põem em cena rituais de submissão à máquina ou se exercitam em exaltações desmedidas da nova beleza, a beleza da técnica, a beleza da velocidade e do automóvel!

A audácia da velocidade e da guerra, o desafio do perigo, a exaltação da potência técnica se fundam aqui em um único gesto que é a concretização ideológica e estética da exaltação das virtudes guerreiras e da desvalorização de tudo o que é feminino. Porque o feminino é inimigo do futuro.

Queremos celebrar o homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada a toda velocidade no circuito de sua própria órbita.²

Esse cavaleiro automobilista segura o volante cuja haste atravessa a Terra. Para nós, modernos tardios, presos no tráfego das rodovias em uma tarde de outono, a audácia automobilística do intrépido Marinetti provoca riso. Mas entendemos o sentido daquele entusiasmo, que não é apenas automobilístico.

Naquela imagem da haste que atravessa a Terra, podemos perceber o ímpeto místico do macho que penetra. A haste do cavaleiro automobilista atravessa a Terra fêmea submetendo-a às vontades da técnica, do progresso e da velocidade.

A Terra fêmea, por sua vez, também está lançada a toda velocidade no universo. Ela também corre no infinito dos céus, mas a técnica permite ao homem dominá-la. A técnica é a força de domínio sobre a feminilidade entendida como fraqueza, fragilidade, ternura, submissão. A ideia expressa aqui por Marinetti é intrínseca a toda a história da cultura moderna, cultura da submissão da Terra por parte do homem. E a Terra é feminina, enquanto o homem é a técnica.

Aqui estamos nós, presos no trânsito, voltando do trabalho, onde o chefe nos açoitou com o seu chicote poderoso babando em cima de nós com sua barriga obesa que sai das calças.

E há também a exaltação da velocidade. Velocidade é potência, Paul Virilio nos ensinou isso. Velocidade e potência são a mesma coisa na guerra moderna. Nela, vence quem chega primeiro. Hitler venceu a guerra até 1942 porque tinha criado uma estrutura de transporte mais veloz que a do exército francês. Guerra-relâmpago. Depois chegaram os aviões norte-americanos, mais velozes ainda.

Não apenas na guerra, mas também na política e na economia, vence quem chega primeiro. A informação do sistema financeiro global inaugura uma competição de velocidade que se

dá no fio dos milésimos de segundo. E a vitória política sorri para aqueles que atingem mais rapidamente o eleitorado com sua mensagem, outorgando para si o domínio sobre a mídia, sobretudo sobre a televisão.

Quando a informática se funde com a telefonia, a velocidade torna-se tempo real, velocidade absoluta, copresença de todos os lugares. Não mais aceleração, não mais redução das distâncias, mas abolição do espaço.

Estamos no promontório extremo dos séculos, pois já criamos a eterna velocidade onipresente.

Marinetti parece ir além da própria ideia de velocidade mecânica. Estende-se ao amplo espaço que o suspende correndo sobre o tempo dos séculos da história na eterna velocidade onipresente. Eterna e onipresente. Há algo nessas palavras que nos faz pensar no tempo real, na instantaneidade eletrônica, no período pós-industrial, como um *flash* que consegue ultrapassar toda a história das realizações do século XX para atingir a imaginação cibercultural, que toma forma no final do século que acreditou no futuro, último avatar do futurismo, último ato de fé no futuro. Última utopia.

DESPREZO PELA MULHER

Queremos glorificar a guerra - única higiene do mundo -, o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor. Queremos glorificar a guerra, única higiene do mundo...

A guerra que Marinetti está glorificando é a guerra utópica, o duelo de cavalaria do passado. Mas a guerra do século XX tornou-se algo bem diferente das fantasias cavaleirescas e românticas do cretinismo militar-futurista. Não tem nada a ver com a utopia futurista do ataque audaz. Tornou-se extermínio tecnológico de

mulheres, de velhos e de crianças por parte de exércitos profissionais.

Os historiadores calculam que, nas guerras ocorridas até 1914, os mortos civis tenham sido uma exígua minoria, algo em torno de 5 ou 6%. Aqueles que morriam em grande número (raramente comparáveis aos números das guerras do século XX) eram jovens audaciosos, desejosos de brigar, especializados em dar golpes em outros jovens. Ao longo do século XX, o número de civis mortos cresceu a cada guerra. Nos conflitos dos anos 90 do século XX, as vítimas são, em sua quase totalidade, civis. Na guerra iugoslava entre 1991 e 1999, calcula-se que mais de 92% eram civis. Nas guerras norte-americanas no Iraque e no Afeganistão, os bombardeios mataram sem distinguir seus alvos. Os militares profissionais da guerra tardomoderna são exterminadores científicos adestrados para atingir do alto dos céus vilarejos onde se abrigam mulheres, velhos e crianças indefesos.

A guerra do século XX é o fim da cavalaria e da coragem masculina. Em 1909, o futurismo exaltava a guerra da audácia, mas poucos anos depois se inicia a guerra mundial, a primeira guerra tecnológica, na qual, no lugar da audácia, é necessário ter competência técnica com a finalidade de exterminar indefesos. A utopia da audácia se transforma na realidade da guerra desumana.

Queremos destruir o feminismo e toda vileza oportunista e utilitária.

O desprezo pela mulher é explicitamente teorizado pelo futurismo italiano.

O que quer dizer desprezo pela mulher? É o desprezo que o futurismo experimenta em relação ao que reduz a potência produtiva e, em última análise, agressiva. O princípio competitivo domina o imaginário político e econômico da modernidade que o futurismo quer importar para a Itália.

Aquela Itália neutra, oportunista, sensual; aquela Itália

mediterrânea e preguiçosa, que, na esteira de Giolitti,³ que não queria participar do conflito de 1914, era a *Italiotta* a ser extinta, superada ou, pelo menos, recalçada.

O futurismo é, também, a tentativa de impor uma militarização da identidade italiana. O *Risorgimento* havia sido um fenômeno completamente marginal na tradição italiana e não criara uma força militar nem uma propensão cultural para a afirmação de uma nação imperialista.

Para que a Itália pudesse entrar no rol das potências modernas, deveria desenvolver uma política colonialista e, para isso, era necessário um processo de forte modernização. O futurismo intuiu que modernização e militarização coincidiam, na situação italiana. No país da *dolce vita*, onde a natureza e a história depositaram tanta beleza, como seria possível convencer as pessoas a se amontoar nas metrópoles industriais? Modernização e militarização são a mesma coisa, no espírito futurista.

Podemos encontrar uma raiz profunda do fascismo italiano no medo da própria feminilidade, no medo ou na vergonha que a sociedade italiana experimentava em descobrir-se feminina. Medo da mãe, medo da feiticeira, medo de Circe e de Calipso.

No fascismo em geral, estava implícita uma repressão do feminino social; ela se manifestava como verdadeira violência contra as mulheres, mas se manifestava, antes de mais nada, como guerra ao feminino que a sociedade masculina carregava consigo. Não apenas homofobia, mas endurecimento da esfera sensual, imitação, muitas vezes farsesca, das civilizações guerreiras. A Itália já não tinha nenhuma cultura da guerra desde o século XVII. E, mesmo antes do século XVII, mais do que fazer a guerra, os italianos preferiam pagar alguns alemães para que viessem fazê-la em seu lugar.

Seria interessante a esse propósito fazer uma referência à história cultural do Japão, que viveu uma forma de futurismo na época Shōwa, nas décadas que seguiram ao terremoto de 1923 e